



Bullying no Contexto Escolar: Entender, Intervir e Prevenir

Bullying in the School Context: Understanding, Intervening and Preventing

Maria Bernadete Silva de Holanda Gomes *, Maria da Luz Vale-Dias*

* Universidade de Coimbra,

Resumo

O *bullying* trata-se de um fenómeno que cerceia a realidade escolar de forma invisível e/ou oculta para muitos, afetando crianças e adolescentes que sofrem as consequências de processos agressivos contínuos. A escola, percebida como um espaço social privilegiado e propício ao (inter)relacionamento e desenvolvimento dos seus educandos, tem-se transformado em palco de variadas formas de violência. Estudos sobre prevenção e intervenção enfatizam a necessidade de ações conjuntas entre família, escola e os sujeitos envolvidos. Apresentamos uma proposta de ação preventiva e de intervenção, que se efetivará através de uma das mais antigas e eficazes formas de aprendizagem: o «conto de histórias».

Palavras chave: *Bullying*, contexto escolar, família, estratégia de intervenção

Abstract

Bullying is a phenomenon that blinds school reality in an invisible and/or hidden way for many, affecting children and adolescents who suffer the consequences of continuous aggressive processes. The school, perceived as a privileged social space and conducive to the (inter)relationship and development of its students has been transformed into a stage of various forms of violence. Studies on prevention and intervention emphasize the need for joint actions between family, school and the subjects involved. We present a proposal for preventive action and intervention, which will be carried out through one of the oldest and most effective forms of learning: the "storytelling".

Keywords: Bullying, school context, family, intervention strategy.

Introdução

A escola é um espaço social privilegiado e propício ao inter-relacionamento e desenvolvimento das crianças e dos adolescentes e com forte influência da construção das suas identidades. Nos seus registos históricos, a instituição escolar era percebida como local seguro, porém, no espaço temporal da nossa contemporaneidade, vem-se transformando em palco de conflitos e tensões,

A violência escolar, não sendo um problema novo, tornou-se, nas últimas décadas do século XX e até à atualidade, objeto nuclear de investigação (Olweus, 1978; Troop-Gordon, 2017). Por se tratar de um fenómeno complexo e múltiplo, não pode ser ignorado.

Compreendendo o bullying

As condutas antissociais

Loeber e Hay (1994), citados por Martins (2009, p.373), definem conduta antissocial ou agressiva como "(...) aquela que inflige dano físico ou psicológico ao outro; e/ou perda ou dano de propriedade, podendo ou não constituir uma infração às leis vigentes". O primeiro autor referido, juntamente com um colaborador (Loeber & Schmalting, 1985), havia já anteriormente abordado com profundidade a análise de padrões mais ou menos explícitos desta conduta. A definição referida deixa clara a determinação social do construto, o qual pode incluir diferentes subtipos, níveis de destruição, formas e funções (Morgado & Vale-Dias, 2013).

Na sua contribuição acerca desta temática, Roland e Idsoe *apud* Martins (2009) sugerem que se diferencie dois subtipos de violência ou agressão: a violência reativa ou expressiva e a violência instrumental ou proativa. Esta é desencadeada pela expectativa das resultantes que o indivíduo espera obter, utilizando-a para o alcance de determinado resultado. Quanto à violência reativa, é desencadeada pelos eventos que a precedem, surgindo como uma explosão emocional. O não saber enfrentar as frustrações desencadeia a raiva e, com isso, efetiva-se o ataque de violência. Nos dois tipos de agressão, as emoções envolvidas são diferentes: a raiva predomina na agressão reativa e o prazer e a estimulação do ego são emoções presentes na agressão proativa.

Quanto à questão da indisciplina, muitas vezes associada a condutas antissociais, Amado *apud* Martins (2009) propõe que se considerem três níveis. O primeiro nível abarca os desvios às regras de produção, aos quais é imputado um carácter disruptivo, em virtude da perturbação que causam ao ambiente da sala. Quanto ao segundo, tem como foco o conflito inter-pares, que abrange os incidentes que traduzem essencialmente, um disfuncionamento das relações formais e informais entre alunos, podendo manifestar-se em comportamento de alguma agressividade e violência e atingindo, por vezes, contornos de gravidade de «actos de delinquentes»; neste nível poderíamos situar as condutas de "*bullying*" de diferentes graus de gravidade. O terceiro nível abrange conflitos na relação professor-aluno, que

incluem os comportamentos que, de algum modo, põem em causa a autoridade e o estatuto do professor (insultos, obscenidades, desobediência, contestação afrontosa, réplica desabrida a chamadas de atenção e castigos), abrangendo, também, a manifestação de alguma agressividade e violência contra docentes e o vandalismo contra a propriedade dos mesmos e da escola.

A “delinquência juvenil” — expressão que nos remete geralmente para uma conotação jurídica —, para Martins (2009), designa os atos cometidos por um indivíduo abaixo da idade de responsabilidade criminal. Esta designação pode relacionar-se com a conduta antissocial, porque a primeira pode pressupor a conduta antissocial — se incluir os comportamentos que desrespeitam os outros e violam as normas de uma determinada comunidade, sem necessariamente infringir as leis vigentes —, manifestando-se de forma diferente, consoante se trate de crianças, adolescentes ou adultos (Morgado & Vale-Dias, 2016).

Conceito e efetivação

O *bullying* constitui um fenómeno social complexo e de características específicas que se distingue de outros comportamentos não desejáveis e que envolve crianças e adolescentes.

Embora se trate de um fenómeno que tem longa história no tempo, foi durante a década de 1980 que surgiram estudos mais sistemáticos sobre *bullying*, na Noruega, quando três meninos com idades entre os 10 e 14 anos se suicidaram, como consequência de assédio por parte dos seus pares. Esse episódio tornou-se um marco, pois a partir deste facto o pesquisador norueguês Dan Olweus, da Universidade de Berger, que já estudava o fenómeno desde a década de 70 (Olweus, 1978), iniciou um estudo para investigar a frequência e causas que levavam a prática do *bullying*. Olweus reuniu 84 mil estudantes, cerca de 400 professores e aproximadamente 1000 pais. Constatou que um a cada 7 alunos se encontrava envolvido em casos de *bullying*, como agressor ou vítima. A partir deste resultado, o pesquisador mobilizou a sociedade ao iniciar uma campanha nacional contra o *bullying*. O programa, que recebeu o apoio do governo da Noruega, conseguiu reduzir a ocorrência dos actos de *bullying* em 50%, resultado que impulsionou países como o Canadá, Inglaterra e Portugal a adotarem práticas semelhantes (Olweus, 2006).

Na língua portuguesa não há uma tradução exata da palavra *bullying*, mas Calhau (2010) define-o como abuso, intimidação e vitimação, desde que ocorra sem motivação e de forma repetitiva. O *Bullying* caracteriza-se por um comportamento agressivo que: (a) se destina a causar sofrimento ou dano; (b) envolve um desequilíbrio de poder ou força entre agressor e a vítima; e, (c) comumente, ocorre repetidamente ao longo do tempo. (Limber, 2002, Olweus, 1993, Nansel et al., 2001 cit. In Olweus, & Limber, 2010). Estes aspetos colhem grande consenso entre os vários autores (por exemplo, Besag, 1991; Farrington, 1993 cit. In Baldry, & Farrington, 2000).

Pinheiro (2006) refere que o *bullying*, quando praticado por rapazes, normalmente envolve o uso da força física; enquanto, no caso das raparigas, o *bullying* é mais “subtil”, pois elas tendem a usar mais os boatos e pequenas difamações.

Martins (2005) identifica três grandes tipos de *bullying*. Segundo a autora, baseando-se no estudo de publicações na área, a classificação efetiva-se da seguinte maneira: *diretos e físicos*, que incluem agressões físicas, roubar ou estragar objetos dos colegas, extorsão de dinheiro, forçar comportamentos sexuais, obrigar a realização de atividades servis, ou a ameaça desses itens; *diretos e verbais*, que incluem insultar, apelidar, fazer comentários racistas ou que digam respeito a qualquer diferença no outro; e *indiretos*, que incluem a exclusão sistemática de uma pessoa, realização de maledicências e boatos, ameaçar de exclusão do grupo com o objetivo de obter algum favorecimento; ou, de forma geral, manipular a vida social do colega.

O *bullying*, segundo Sullivan *apud* Carvalhosa (2010), é um comportamento antissocial, mas não é um comportamento criminoso e, apesar de poder ser considerado um subgrupo do comportamento agressivo ou uma perturbação do comportamento psicológico, podemos concluir, de acordo também com os autores anteriormente citados, que o *bullying* é caracterizado pelos seguintes critérios: i) a intencionalidade do comportamento - este tem um objetivo que é provocar mal-estar e ganhar controlo sobre outra pessoa; ii) o comportamento é conduzido repetidamente e ao longo do tempo - este comportamento não ocorre ocasional ou isoladamente, mas passa a ser crónico e regular; iii) um desequilíbrio de poder é encontrado no centro da dinâmica do *bullying* - normalmente, os agressores veem as suas vítimas como um alvo fácil.

O bullying e suas consequências

O *bullying* traz sérios comprometimentos a todos os atores envolvidos na agressão, seja com participação direta (*bullies* e vítimas) ou indireta (espectador); assim, todos estão sujeitos a repercussões negativas (Ttofi, Farrington & Lösel, 2011; Troop-Gordon, 2017), sobre as quais discutiremos a seguir.

Os autores das agressões, para os quais por vezes se imagina não existirem consequências negativas e se chegue até a pensar que os mesmos são vistos pelos seus pares como “vencedores”, também se encontram em risco. Com efeito, eles têm grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos antissociais e violentos, sendo possível desenvolverem atitudes de delinquência compatíveis com a ação criminoso (Ttofi, Farrington & Lösel, 2011).

As consequências para vítimas/alvos — indivíduos que sofrem com *bullying* e que, habitualmente, vivem situações permeadas por dificuldades, passando por intensas humilhações — acabam por ser maiores (Farrington, Lösel, Ttofi & Theodorakis, 2012). De acordo com Silva (2010), os problemas mais comuns encontrados são os sintomas psicossomáticos, cefaleias, cansaço crónico, insónia, dificuldades de concentração, náuseas, diarreia, boca seca, palpitações, alergias, crise

de asma, sudorese, tremores, sensação de ‘nó’ na garganta, tonturas ou desmaios, calafrios, tensão muscular, formigamentos, transtorno de pânico, fobias escolar e social, transtorno de ansiedade generalizada (TAG), depressão, anorexia, bulimia e, com quadros menos frequentes, o suicídio e o homicídio. Estudos portugueses sobre o *bullying* (Carvalhosa, 2010, 2011) referem taxas preocupantes de actos deste tipo, havendo evidência de que as vítimas sofrem efeitos negativos do envolvimento em comportamentos de *bullying* escolar para o bem-estar na idade adulta, reportando menor auto-estima e níveis mais baixos de bem-estar subjectivo.

As testemunhas/espectadores são os sujeitos que não sofrem nem praticam o *bullying*, mas estão inseridos nos locais onde as agressões se efetuam. Há evidência de que se sentem inseguras em relação ao que fazer diante da situação presenciada, resultando na falta de iniciativa e autonomia para encontrar uma solução (Silva, 2010). Geralmente, apresentam dificuldades na tomada de decisão em atuar, pois, dependendo dos resultados, poderão passar a compor o rol das vítimas.

Faz-se mister enfatizar que os efeitos do *bullying* não são apenas imediatos ou temporários, podendo ir além do âmbito escolar.

Autor da agressão, vítima e espectador. Como identificar?

Nas manifestações do *bullying*, os atores que participam posicionam-se no papel de autor da agressão, de vítima ou de testemunha. Este público apresenta características diversas que facilitam a manifestação do fenómeno e exige uma atenção específica, além das ações preventivas e interventivas que envolvam toda a comunidade escolar, visando a erradicação dos atos de violência.

Autor da agressão (Bullies)

Na conceção de Harris e Petrie (2004 cit. In Martins, 2005), o agressor é aquele que, frequentemente, implica com os outros, os agride ou provoca situações desagradáveis sem uma razão aparente. Ele geralmente é mais alto, forte, agressivo e não cooperativo. Apresenta características concentradas no uso da força e da imposição da atividade violenta.

Os *bullies* típicos são caracterizados por agressão aos seus pares e esse comportamento agressivo é orientado para um objetivo e apresenta uma organização. Podem utilizar a agressividade como instrumento para alcançar o domínio do grupo de pares, ou para aquisição de objetos, como também assumir posicionamentos. As atitudes são sempre voltadas para a violência, expressam impulsividade e uma intensa necessidade de dominar os outros. Muitas das vezes, são percebidos como líderes, com níveis consideráveis de popularidade e *status* entre seus pares. Quanto aos *bullies* passivos, eles participam na efetivação do *bullying*, mas não tomam a iniciativa (Baldry & Farrington, 2000).

Os autores das agressões têm demonstrado a existência de certos problemas de saúde mental. Apresentam maior probabilidade de se sentirem deprimidos, infelizes e em risco de cometerem suicídio.

Têm dificuldades em fazer amigos e, conseqüentemente, o seu círculo de amigos é reduzido. O género, nesta instância, promove diferenças. Os rapazes (*bullies*) dispõem mais tempo em grupos maiores. As raparigas interagem com um número menor de colegas e, pela falta de competência social, são evitadas, passando assim mais tempo sozinhas. Alguns agressores apresentam desvios de comportamento antissociais e tem satisfação em dominar, controlar e necessitam de poder. Em grande parte dos casos, são populares em suas escolas e lideram algum grupo. Possuem maior tendência para apresentarem comportamentos de risco, como uso de álcool, drogas, porte de armas e até marginalidade (Catini, 2004 cit. In Silva, 2010). Alguns estudos apontam que, apesar de esses indivíduos terem comportamentos agressivos, são muitas vezes inseguros, sofrem de ansiedade e baixa autoestima (Isernhagen e Harris, 2004 cit. In Silva, 2010).

Quanto à escola, os *bullies* sentem-se infelizes no ambiente escolar, não se percebem pertencentes àquele ambiente institucional e apresentam um baixo rendimento avaliativo.

Os *bullies* tendem a pertencer a famílias que se caracterizam por uma construção vincular frágil, com pouco afeto e carinho, com problemas em partilhar os seus sentimentos, assegurando um maior distanciamento emocional entre os membros da família. Para Carvalhosa (2010, p. 21-22), os pais dos autores das agressões usam mais o “deitar abaixo” e criticar, do que elogiar e encorajar, e negligenciam a oportunidade de ensinar aos seus filhos que a agressão não é aceitável; tendem a usar disciplina inconsistente e pouca monitorização sobre onde estão os filhos ao longo do dia e têm competências de resolução de problemas pobres e agressivas. Por vezes, os progenitores têm estilos de disciplina muito punitiva e rígida, com os castigos físicos a serem muito comuns.

Com o delinear das características dos *bullies*, referimos aqui os aspectos comportamentais e psicológicos individuais, a saúde mental e a saúde física, a relação com os pares, a atitude frente à instituição escolar e concluímos mencionando o envolvimento familiar.

A vítima

Boulton e Smith apud Carvalhosa (2010) compreendem a vítima como sendo alguém com quem frequentemente implicam, ou batem, ou que arrelham, ou a quem fazem outras coisas desagradáveis sem uma boa razão. As diversas pesquisas têm examinado as características das vítimas, identificando-as como passivas (típicas) ou agressivas (Baldry & Farrington, 2000; Carvalhosa, 2010). As vítimas típicas são mais ansiosas e deprimidas que os outros alunos. Em casos extremos, podem chegar ao suicídio. Exibem sentimentos de infelicidade e de tristeza, possuem baixa autoestima e fraca autoconfiança. Tal como referido anteriormente, as vítimas têm consideráveis problemas de saúde mental e um bem-estar escasso, podendo isso refletir-se e perdurar na vida adulta.

Na esfera das relações interpessoais, as vítimas apresentam-se com maior dificuldade em fazer amigos e, realmente, possuem menos amigos porque sofrem rejeição dos pares, sentindo-se sós. Para ambos os gêneros, quanto mais tempo passam sozinhas maior a probabilidade de serem vítimas. Os rapazes, por passarem mais tempo em pequenos grupos, recebem mais frequentemente a designação de vítima (cf. Carvalhosa, 2010).

No contexto escolar, as vítimas exibem sintomas de evitamento e afastamento, apresentando insegurança. Veem a escola como um lugar desagradável e chegam a recusarem-se a frequentá-la ou, quando as frequentam, evitam determinados espaços. Geralmente, respondem aos ataques chorando, não fazendo nada para se defenderem ou afastando-se. A sua *performance* na aprendizagem, conseqüentemente, vai amealhando prejuízos significativos.

Quanto ao comportamento, as vítimas são introvertidas e não confiam nas suas habilidades físicas e na sua própria força. Faltam-lhes competências sociais, demonstrando comportamentos menos assertivos e de submissão.

Afirma Olweus *apud* Carvalhosa (2010), que existe uma associação entre o comportamento social da criança e a subsequente vitimização pelos pares.

As vítimas tendem a pertencer a famílias que são caracterizadas como tendo uma educação de restrição e excesso de proteção pelos pais.

As vítimas-agressoras são caracterizadas por atuarem simultaneamente com ações que configuram os *bullies* e as vítimas, ou seja, tentam retaliar quando são atacadas, apresentam uma variedade de reações agressivas e ansiosas. Apresentam um padrão de comportamento reactivo em excesso e desregulado emocionalmente. O risco de depressão mostra-se maior entre aqueles que são duplamente vítimas e agressores (Ttofi, Farrington & Lösel, 2011). Apresentam má adaptação social e comportamental, registam recusas frequentes dos seus pares, exibem vários problemas de comportamento na escola e maior intensidade de sintomas psicossomáticos.

O tipo de padrão de desregulação emocional que caracteriza as vítimas agressoras pode ser a resultante de uma exposição a violência e abusos em casa, ou pais punitivos, que utilizam estratégias agressivas e que os rejeitam, como exposição ao negativismo parental e excesso de proteção materno. Olweus *apud* Carvalhosa (2010, p. 21) afirma que as “(...) experiências precoces de vitimização, de violência e tratamento rígido pelos adultos servem para desregular a criança emocionalmente, levando posteriormente a uma ira hiperativa e à vitimização pelos pares”.

Espectadores (testemunhas/observadores)

Os espectadores atuam com estratégias não violentas, não se envolvem diretamente nos comportamentos de agressão e possuem uma maior competência ao interagir socialmente.

A maioria dos alunos encontram-se neste grupo, mas atuam como atores indiretos nas ações do *bullying*, pois o seu olhar acaba por reforçar as ações desencadeadas pelos *bullies*. Carvalhosa (2010, p. 27) afirma que “(...)

este grupo é aquele de maior potencial para prevenir as situações de *bullying*, uma vez que já possui as competências pessoais e sociais para poder agir de modo a não tolerar agressão ou relatar as situações que conhece”.

Prevenção e intervenção

Envoltos, mais que o desejado, em práticas discriminatórias, muitos não percebem o quanto estas estão aprisionadas a padrões de conduta que desenvolvem a intolerância face à diferença. Tanto o preconceito como a discriminação são os principais pilares do *bullying*. Na sua efetivação, as vítimas-alvos são pessoas “gordas” ou “magras demais”, usam óculos graduados ou aparelhos ortodônticos, apresentam dificuldades físicas ou intelectuais, timidez que limita o diálogo — como participar de brincadeiras junto dos colegas. As vítimas também podem ser discriminadas pela inteligência ou beleza, passando a ser hostilizadas ou excluídas por inveja.

Martins (2005, p. 403) assegura que “O fato do *bullying* ser um fenómeno grupal, sugere que os programas de prevenção da violência escolar devem dirigir-se mais aos grupos, escolas e turmas, do que aos indivíduos; e o fato de se manifestar sob diferentes formas — físico, verbal e indireto — sugere que as estratégias de intervenção ou prevenção deverão levar em consideração o tipo de *bullying* que pretendam prevenir ou erradicar”.

Projeto de Ação Preventiva e Intervenção

O Programa de Prevenção de *bullying* de Olweus, por exemplo, inclui componentes em vários níveis, a exemplo de componentes da escola, atividades de sala de aula, atividades voltadas para aumentar o envolvimento dos pais e membros da comunidade e intervenções direcionadas para indivíduos identificados como «valentes e vítimas», com o objetivo de desenvolver um ambiente escolar positivo. (Olweus & Limber, 2010).

Seguindo esta perspectiva, elaborámos um projeto de ações a serem efetivadas em dois eixos, objetivando prevenir e intervir. No primeiro eixo, considera-se a equipa de profissionais da instituição escolar e a família e, no segundo, os alunos.

Os objetivos que propomos junto a família e equipa de profissionais que atuam na instituição escolar visam: a) promover a discussão sobre o fenómeno do *bullying* na comunidade escolar; b) desenvolver conhecimentos sobre a natureza do *bullying*; c) reconhecer as características dos intervenientes no *bullying*; d) reconhecer os sinais de alerta do *bullying*; f) desenvolver estratégias de gestão do *bullying*; g) desenvolver estratégias de comunicação eficaz com todos os atores educativos; h) desenvolver estratégias promotoras de saúde e bem-estar nos espaços escolares; i) sensibilizar para a importância do envolvimento de toda a comunidade na dinâmica preventiva e interventiva; j) planear a inclusão da área da prevenção da violência em meio escolar no projeto educativo da escola.

Dando seguimento ao projeto, com o segundo grupo composto por crianças e adolescentes inseridos na comunidade escolar, pretende-se: a) desenvolver competências sociais positivas que venham a incentivar práticas diárias de convívio baseado no respeito; b) enfatizar estratégias de comunicação eficazes; c) fomentar o espírito de grupo e de cooperação; d) trabalhar a autoestima e o respeito pela diferença; e) mediar conhecimentos sobre a natureza do *bullying*; f) planejar e executar projetos de sensibilização e consciencialização sobre a paz nas relações sociais.

Para a elaboração metodológica e prática, utilizamos os instrumentos apresentados por Busatto (2006, p.92), que aborda a excelência do contar histórias como um dos hábitos mais antigos, inerentes à humanidade e tão velho quanto resistente e eficaz. Percebendo-a como meio de expressão das relações sociais, políticas, históricas e culturais, a literatura sempre terá o seu lugar garantido numa sociedade em que a informação ganha destaque e o conhecimento global se torna pré-requisito para os profissionais do futuro.

Assim, sugerimos que a execução dos objetivos elencados seja efetivada através de reuniões, seminários, oficinas e grupos de estudo sobre a temática, tendo como um dos principais instrumentos de sensibilização, o conto de histórias, em que iremos privilegiar a obra “Nós” da autoria de Eva Furnari, pela relevância do seu conteúdo. Quanto à avaliação, efetivar-se-á a) através de diálogos durante e após a aplicação das ações junto dos grupos; b) na análise de questionários avaliativos e, c) observação e análise comportamental da comunidade escolar.

Considerações finais

Frequentemente, o *bullying* nasce nas fronteiras dos verbos «brincar» e «agredir», porém, quando algum dos participantes não aceita esse brincar, surge o *bullying*. A linha é ténue, necessitando assim do exercício constante de autoconhecimento e de perceber o outro, assim como de conjugar os verbos respeitar, compreender, tolerar, escutar e amar, desde o regaço familiar até ao convívio social mais amplo.

Entre práticas discriminatórias e violentas, muitos indivíduos não percebem o quanto estas se encerram em padrões de conduta que promovem a intolerância pelos diferentes. Saliente-se que o preconceito e a discriminação são os principais pilares do *bullying*.

Em síntese, vítimas, *bullies* e espectadores vivenciam consequências físicas e psicológicas, a curto e longo prazo, as quais podem causar dificuldades sociais, emocionais e de outra ordem. O *bullying* é um tipo de violência cujas consequências são vastas e de difícil mensuração. Identificar, prevenir e encontrar mecanismos de minimização dos efeitos do *bullying* na sociedade ainda é o maior desafio das instituições escolares públicas e privadas.

Referências

Baldry, A. & Farrington, D. (2000). Bullies e delinquentes: características pessoais e estilos

- parentais. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 34, 1, 2 e 3, 195-221.
- Busatto, C. (2006). *A Arte de Contar Histórias no Século XXI: Tradição e Ciberespaço*. Petrópolis: Vozes.
- Calhau, L.B. (2010). *Bullying: O que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão*. Niterói, RJ: Impetus.
- Carvalho, S. (2010). *Prevenção da violência e do bullying em contexto escolar*. Lisboa: Climepsi Ed.
- Carvalho, S. (2011). *Retrospective school bullying and their long-term implications: A study of well-being in young adults*. Paper presented at the 15th European Conference on Developmental Psychology.
- Farrington, D., Lösel, F., Ttofi, M. & Theodorakis, N. (2012). *School Bullying, Depression and Offending Behaviour Later in Life. An Updated Systematic Review of Longitudinal Studies*. Stockholm: The Swedish National Council for Crime Prevention.
- Furnari, E. (2009). *Nós*. São Paulo: Editora Global.
- Holt, M. K., Kantor, G. K. & Finkelhor, D. (2009). Parent/Child Concordance about Bullying Involvement and Family Characteristics Related to Bullying and Peer Victimization. *Journal of School Violence*, 8, 1, 42 – 63. <http://dx.doi.org/10.1080/15388220802067813>
- Loeber, R. & Hay, D. F. (1994). Developmental approaches to aggression and conduct problems. In M. Rutter & D. F. Hay (Eds), *Development Through Life: A Handbook for Clinicians*. Oxford: Blackwell Scientific Publications.
- Loeber, R. & Schmaleng, K. (1985). Empirical evidence for overt and covert patterns of antisocial conduct problems. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 13, 337-352. DOI: 10.1007/BF00910652
- Martins, M. J. D. (2005). O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. *Revista Portuguesa de Educação*, 18, 1, 93-115.
- Martins, M. J. D. (2009). Maus tratos entre adolescentes na escola. *Penafiel: Editorial Novembro*, col. Nexus.
- Morgado, A. M., & Vale Dias, M. L. (2013). The antisocial phenomenon in adolescence: What is literature telling us? *Aggression and Violent Behavior*, 18 (4), 436-443. doi: 10.1016/j.avb.2013.05.004
- Morgado, A. & Vale-Dias, M. L. (2016). Comportamento antissocial na adolescência: o papel de características individuais num fenómeno social. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 17(1), 15-22. DOI: <http://dx.doi.org/10.15309/16psd170103>
- Olweus, D. (1978). *Aggression in the schools. Bullies and whipping boys*. Washington: Hemisphere.
- Olweus, D. (2013). School bullying: Development and some important challenges. *Annual Review of Clinical Psychology*, 9, 751–780. DOI:10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516
- Olweus, D. & Limber, S.P. (2010). *Bullying in school: Evaluation and dissemination of the Olweus Bullying Prevention Program*. *American Journal of*

Orthopsychiatry, 80(1), 124- 134. DOI:
10.1111/j.1939-0025.2010.01015.x

Silva, A. B. B. (2010) Bullying: mentes perigosas na escola. Rio de Janeiro: Objetiva.

Ttofi, M., Farrington, D. & Lösel, F. (2011). Health consequences of school bullying. Journal of aggression, conflict and peace research, 3, 2, 60-62. <https://doi.org/10.1108/jacpr.2011.55003baa.002>

Troop-Gordon, W. (2017). Peer victimization in adolescence: The nature, progression, and consequences of being bullied within a developmental context. Journal of Adolescence, 55, 116-128. DOI: 10.1016/j.adolescence.2016.12.012

Agradecimientos

Trabalho realizado no âmbito do Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social (I&D), FCT (Unidade 192).